

## A Vida Privada de Ilda Gomes

ERAM NOVE DA MANHÃ quando Ilda saiu de casa. Olhou para o céu para confirmar a antecipação dos meteorologistas e iniciou o dia no seu trilha da rotina. Ilda Gomes, oitenta e quatro anos, não dispensava um pequeno-almoço na Formosa, a pastelaria do bairro. Ilda tinha da vida a segurança de que os seus dias começavam com um galão claro e um *croissant*, precedidos por um «Bom dia, dona Ilda» vindo do outro lado do balcão na voz cantante do senhor Ferreira. Aquele dia seria diferente. Num ambiente de tilintar de chávenas e copos, de pancadas *staccato* para sacudir borras de café na azáfama da produção de bicas, à primeira dentada no *croissant*, Ilda sentiu qualquer coisa; uma vertigem, um mal-estar. Parou debruçada sobre a mesa, a face empurrando o copo do galão que se derramou com estardalhaço; ficou imóvel. Ferreira estava atento:

— Oh Zé! Olha aí! Vê lá a dona Ilda... não está bem!

O jovem largou a bandeja e acudiu solícito; sacudiu-a; no estabelecimento fez-se silêncio. Com uma palmada nas costas, um 'paf' que se fez ouvir, gritou:

— Engasgou-se?! — Mais um 'paf'. Ilda vacilou.

— Cuidado, homem! — gritou Ferreira, correndo detrás do balcão — Tás parvo?

Ilda recompôs-se em parte. Ferreira ainda disse ao jovem:

— Chama o 112.

— Não... não... — balbuciou ela — Já me sinto melhor. Não sei o que me deu...

Ferreira ordenou:

— Zé, traz um copo de água!

Ilda decidiu regressar a casa. Ferreira ordenou de novo:

— Oh Zé, vais acompanhar a dona Ilda a casa. Ela mora aqui perto.

— Não, muito obrigada, eu vou, vou bem.

Mas Ilda não estava muito bem e foi no trajecto da mesa até à porta da Formosa que as pernas não a suportaram; Ferreira amparou-lhe a queda.

Ilda vivia com as irmãs, Vitória e Francisca, a mais nova, a quem todos chamavam Xica. Vivera sempre com as irmãs. Solteira, dedicada a obras de caridade, noutros tempos chegara a ajudar na

distribuição de panfletos contra o aborto. Fora sempre uma pessoa activa, dedicada a pequenas tarefas. Se o dia não tivesse sido sacudido pelo incidente, Ilda Gomes teria prosseguido na sua rotina [...]

— [fim da amostra respeitante a este conto] —

© Pedro Freire Costa e Editorial Bizâncio, Lda

## Amor de Cão

NA ORLA DO LOCAL DE SÃO JERÓNIMO está um canal que guia águas quase imóveis de um verde denso e amornadas pelo sol. Da encosta de pendente discreta desfruta-se vista larga para campos de arrozais que um pintor faria com paleta de verdes bem temperados com amarelo limão; tabuleiros verdes entalados por elevações de ocre e cores da terra, polvilhadas com manchas de verde de tom frio, ensombradas. O contorno da azinheira é o tempero que a paisagem ali tem. A estrada que conduz a São Jerónimo marca-se no mapa com um só traço de aparo fino.

De traseiras para o canal está o café de Macário: meio café, meio tasca, tem a importância própria do foco de convergência de um local como São Jerónimo. Ali, todos os dias, Macário troca histórias que cruzam o balcão como um corretor de bolsa troca acções. Próximo da entrada do estabelecimento de Macário está um toldo de caniços que faz sombra rala sobre um banco. Num fim de tarde em que o Verão não apertara ainda o calor, estavam quatro homens sentados na sombra dos caniços, de braços cruzados apoiados em guarda-chuva feito bengala; mais para o lado outros dois, esses em redor de uma mesa que Macário deixava ao relento. Sobre a mesa compunham o trilha branco pintalgado que contava a história do progresso de um jogo de dominó. Dali só vinha um som: *clique*; mais uma peça de dominó. [...]

— [fim da amostra respeitante a este conto] —

© Pedro Freire Costa e Editorial Bizâncio, Lda

## Uma Fina Camada de Pó de Giz

1

TINHA CATORZE ANOS quando o meu pai morreu. Foi em Lagos. Vi-o morrer, colapsar no chão do quarto do hotel. Hesitei por uns segundos antes de me chegar a ele. Sacudi-o com brusquidão mas nem por um instante acreditei que dali viesse ainda algum sopro de vida. Não sei se era a expressão que se congelara no seu rosto que me dizia que ninguém poderia estar vivo assim. Foi a primeira vez que vi um morto bem de perto. Liguei para a recepção e falei como se articulasse sílaba por sílaba: o meu pai morreu agora, aqui no quarto. Do outro lado da linha houve uma longa pausa, depois um «Só um momento...» e o rececionista desligou. Foram precisos muitos anos para vir a entender aquela reacção, porque uma morte dentro de portas é das piores coisas que pode acontecer à gerência de um hotel. É uma tragédia que sacode a tranquilidade dos hóspedes e os açoita com superstições de mau agoiro, enquanto a gerência vive os infortúnios das formalidades e da burocracia tratando o assunto com a discrição possível — a polícia e o delegado de saúde são só os primeiros de uma fila de complicações. Fiquei frente à janela, com a cara colada ao vidro; das costas vinha um tremor que não me deixava. Para lá do areal, o mar já recuava anunciando uma vazante. Aquela sacudidela ao corpo inerte foi o último acto de intimidade que tive com o meu pai.[...]

3

[...]Da janela do quarto de hotel onde hoje fiquei vejo o farol da barra de Aveiro. Paira neste quarto uma atmosfera bafienta a que é desnecessário submeter-me por mais do que uma noite, mas quis ficar junto do farol. Era a esse que apontava uma parte da frota bacalhoeira. Se um navio se avistava, corria para o areal uma multidão que aí fazia uma mancha negra, como um formigueiro em movimento, em permanente oração. Gritos de alívio e de júbilo, e preces de gratidão quando a aproximação do navio já deixava perceber que não trazia bandeira que assinalasse uma perda de vida na campanha.[...]